

Criar com o outro: o educador do diálogo

Carlos Rodrigues Brandão¹, Maristela Corrêa Borges²

Resumo

Na experiência generosa do diálogo na educação, há um saber que se constrói solitariamente em cada um dos participantes, sob a condição de que, ao mesmo tempo, haja um saber solidário, construído como uma espécie de verdadeira "cultura da turma". O educador é quem vive isto ao ensinar-aprender. Aprender significa abrir-se ao fluxo impermanente e inesgotável do saber. Aprender é um encontro. Nada pior do que uma conversa sobre o já sabido entre todos. (Nada pior do que uma aula que "não acrescenta nada", e nada mais aborrecido do que uma confiança em cima do que "eu já sabia"). Nada pior do que ouvir sem aprender e nada mais infecundo do que dizer sem ensinar. Em um diálogo motivado como vocação da descoberta do conhecimento, isto é, o diálogo que se vive em qualquer momento de uma verdadeira educação, o que se experimenta é o intercâmbio de sentimentos, de idéias e de saberes à volta do novo. Somos seres da natureza vivida como alguma experiência de cultura. Ora, se isto é assim, então a função do educador ganha a dimensão de um verdadeiro agente do processo mais importante de toda a vida: aprender a saber através do criar saberes para aprender.

Palavras-chave

Educador. Diálogo. Conhecimento. Cultura.

1. Professor doutor do Programa de Doutorado em Ambiente e Sociedade da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pesquisador visitante da Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: brandao08@ig.com.br.

2. Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e participante de Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. E-mail: maristela_correa@yahoo.com.br.

Creating with another: the educator of dialog

Carlos Rodrigues Brandão*, Maristela Corrêa Borges**

Abstract

In the generous experience of the dialogue in the education, there is a knowledge that is built solitarily in each one of the participants, under the condition that, at the same time, there be a solidary know, it built as a type of true "culture of the group". The educator is who lives this when teaches-and-learns. Learning it means open itself to the impermanent and inexhaustible flow of the knowledge. Learning is an encounter. Nothing worse than a conversation about already known among all the participants. (Nothing worse than a class that "does not add anything", and nothing more bored than a confidence on top than "I already knew"). Nothing worse than hearing without learning and nothing more infertile than telling without teaching. In a motivated dialogue as vocation of the discovery of the knowledge, that is, as vocation of the dialogue that lives at any time of a true education, what we try it is the exchange of feeling, ideas and knowledges around the new. We are beings of the nature lived as some culture experience. Now, if that is like it, then the educator's function wins the dimension of a true agent of the more important process of all life: Learning to know through creating knowledges to learn.

Keywords

Educator. Dialogue. Knowledge. Culture.

* PhD, professor of Environment and Society Course at Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), collaborator professor of the Post Graduation Program in Geography at Universidade Federal de Uberlândia (UFU). visitor research at Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: brandao08@ig.com.br.

** Master's degree student in Geography by Universidade Federal de Uberlândia (UFU) and participant at the Base Ecclesiastics Communities of the Catholic Church. E-mail: maristela_correa@yahoo.com.br.

Introdução

O *aprender* não é uma acumulação provisória e utilitária de conhecimentos dirigidos, de maneira direta, ao exercício de habilidades parceladas, restritas e perigosamente “mecanizáveis”, quando não subordinadas a uma mente crítica, ativa, participante e criativa. *Aprender* é uma atividade inerente a tudo o que é vivo, e a aprendizagem responde pela totalização do ser de cada pessoa e pela realização de cada cultura. Ora, se isto é assim, então a função do educador ganha a dimensão de um verdadeiro agente do processo mais importante de toda a vida: *aprender a saber através de criar saberes para aprender*.

Em alguns escritos recentes sobre a aprendizagem, o saber e a educação, parece haver uma quase sugestão de que todo esse milagre humano, a respeito do qual surgiram de pouco tempo para cá tantas e tantas descobertas extraordinárias, é algo absolutamente pessoal. É alguma coisa que se realiza numa relação quase mágica entre o meu cérebro, a minha mente, a minha inteligência (ou as minhas inteligências) e “o meu mundo a ser conhecido”. Tudo o mais, incluindo outras pessoas, é acessório, é coadjuvante mesmo. Esta visão parcelar torna-se um olhar perverso quando sugere que a formação de pessoas competentes-competitivas é a razão de ser de uma educação para a época presente.

Nada mais infeliz do que essa possível falsa visão tão individualista. Nada mais ilusório do que imaginar que todo o misterioso trabalho pessoal do saber aprender (ou: *aprender a saber e saber aprender*) é uma questão a ser resolvida pelo “foro íntimo” de cada pessoa, individualmente, no máximo, com a ajuda de outras: o educador, uma professora, um bom livro, um sistema bem pensado de educação à distância.

Na verdade o trabalho de *aprender-a-saber* é sempre uma múltipla experiência dialógica. “Múltipla” porque é algo vivido diariamente,

a todo o momento, *em situações, dentro* de dimensões e *através* de relações cujo princípio fundador é a troca de sentidos dados a emoções e de significados em busca do conhecimento, que vão das instâncias interiores de cada um de nós até as redes de pessoas envolvidas em algum trabalho solidário de desafiar o *logos* e, portanto, de lidar com o aprender.

“Experiência” porque envolve sempre o próprio trabalho da vida e porque abarca a conexão entre conviver, criar, fazer algo *para, com,* ou *através* do conhecimento. A começar pelo intrincado trabalho de re-equilíbrio de todo o ser. Algo que está sempre acontecendo durante e após (mas existe um “após”, aqui?) a vivência da aquisição de um novo conhecimento significativo vivido como um ato de aprendizagem.

“Dialógica” porque é sempre o processo e o produto de uma troca. De uma reciprocidade. De um sair de si para si mesmo, toda a vez em que sensibilidades, afetos, modos pessoais de inteligência, *eu, ego, self* e seus diferentes níveis e territórios de vivência e de participação na aprendizagem e no conhecimento ingressam de novo na teia de cada momento em que cada um de nós vivencia a experiência de *aprender-e-saber*. E isto acontece sempre, porquanto num aprender uma mínima “coisa”, toda a teia interior envolvida na aprendizagem é de novo mobilizada e posta em ação.

Depois – e este é o mais difícil passo essencial – um sair de si mesmo em direção ao outro. A alguma outra, a algumas outras pessoas com quem, em um momento único ou em múltiplos momentos de nossa vida, vivemos a partilha do saber e a repartição do conhecimento. Em cada um de nós a vida se oferece como um penhor, como uma dádiva que, no entanto, exige de nós como resposta, um desempenho. Estar vivo é estar continuamente devolvendo à dádiva da vida as nossas respostas de existência. Os nossos momentos de “sim” no desejo de participação e de partilha na própria teia da vida. Estar vivo é, a

cada novo instante, querer³ viver.

Ensinar-e-Aprender / Aprender-e-Ensinar

Ao nos perguntarmos o que significam: *aprender e ensinar*, podemos tomar o caminho mais tradicional. E qual é ele? Aquele que separa uma coisa da outra. Aquele que considera *aprender* uma questão de Psicologia; de uma Psicologia da Aprendizagem, associada a outras “psicologias” especializadas. Alguma coisa que trabalha a “questão do aprender” na fronteira entre as várias “psicologias” e a Psicopedagogia. E que considera o *ensinar* como uma questão situada em uma outra zona de fronteira: entre a Pedagogia e a Didática. Não é mais ou menos assim?

Mas podemos tomar um outro caminho, e todas as idéias desenhadas aqui apontam para ele. Vejamos aqui uma outra idéia, procedente agora de uma outra origem: a da semiologia das palavras. Que elas nos ajudem a encontrar um lugar onde *aprender-e-ensinar* sejam mais do que apenas dois lados de uma mesma moeda.

Quando os gregos criaram palavras para significarem *aprender e ensinar*, quando eles buscaram palavras que traduzissem o movimento do *ensinar-e-aprender*, ou do *aprender-e-ensinar*, eles denominaram este movimento com um mesmo radical: *mantháno*. Entre eles a palavra *máthesi* – de onde nos veio: *matemática* – significa, ao mesmo tempo, o ensino e a aprendizagem em um duplo sentido. Primeiro: o que é ensinado e é aprendido. Segundo: o próprio processo de *ensinar-e-aprender* ou de *aprender-e-ensinar*. Assim, a palavra derivada: *mathémata* traduz, ao mesmo tempo, o que pode ser ensinado e o que pode ser aprendido. E uma outra palavra: *mathetés*, serve tanto para o aluno que ensina aprendendo, quanto para o professor que aprende ensinando⁴.

Ora, esta idéia original perdeu-se em nosso tempo. Houve um esquecimento pedagógico e assim, pouco a pouco o que existia unido, como integrante de um mesmo eixo entre iguais diferenciados, foi formando partes de pares de opostos. De partes de um eixo de desiguais, antagônicos: aprender e ensinar, ensino e aprendizagem, *aquele-que-sabe-e-ensina* (o professor, o docente, o educador, o doador de um saber) e *aquele-que-não-sabe-e-aprende* (o aluno, o discente, o educando, o receptor de um saber).

Mas todos nós, educadores e/ou educandos, sabemos, por uma experiência própria, que é bem mais difícil aprender do que ensinar. Sabemos também que diante de cada gesto de aprender, realizamos um trabalho ativo muito mais interligado *a e com*, e muito mais difícil do que se imagina em geral. Até quando o que aprendemos parece ser alguma coisa muito instrumental, como o domínio progressivo de uma técnica de informática, ainda aí existe um processo de integrações que entrelaça todos os níveis e todos os campos de nosso ser interior: da afetividade até a memória, de um tipo de inteligência específica para aquele estilo de aprendizagem, até um *totum* de inteligência que possuímos e de quem somos. Algo que vai até os limites do trabalho holístico da mente, do espírito, da percepção, da memória, do corpo, e que é chamado a operar para que haja, de fato, um “momento de aprendizagem”.

Entre Piaget e Vigotsky há um dado de provável origem socrática nem sempre levado em conta. Em todo esse trabalho do ofício de aprender, em todo o esforço no sentido de incorporar novos conhecimentos, de re-integrar a inteligência e tudo o mais de mim-mesmo através de um novo saber adquirido, há um “passo-a-passo” inevitável.

A cada fração do processo de aprender

3. Como a palavra querer, também as palavras questionar, questão e questionamento vêm do latim *quaerere*, que significa: empenhar-se na busca e procura do que não se tem, por já se ter e para se vir a ter (Emmanuel Carneiro Leão, *Aprender e Ensinar*. VOZES, Petrópolis, 1991, p. 44).

4. Carneiro Leão, op. cit., p. 46.

eu só integro em mim algo como: “isto eu sei” na medida em que desperto em mim algo “que eu já sabia”, melhor dizendo, na medida em que torno meu (meu conhecimento, minha idéia etc.) algo que já estava em mim. Vejam bem, não no sentido cumulativo de uma nova posse que aumenta as minhas propriedades simbólicas, mas no sentido de algo que existindo em comum, disponível entre todos e a todas as pessoas que participam do fluxo de um saber, *está-também-em-mim*. Algo que já sendo meu, interage criativamente com aquilo que *estou-aprendendo-agora*. Algo que eu só estou-aprendendo-agora porque, de algum modo, já estava em mim e desperta no *eu-de-mim-mesmo* um saber que é mais internalizado do que propriamente adquirido. É quase como dizer que só aprendemos o que já sabemos. É como dizer que somente aprendemos o que entra em diálogo com o *aprendido-antes*.

Devemos partir do pressuposto de que cada pessoa é o sujeito pleno de seu próprio conhecimento. Do mesmo modo como ninguém pode beber água por mim, embora possa me estender um copo com água, assim também ninguém pode me ensinar, embora possa colocar um conhecimento novo à minha disposição. Conhecer é sempre um nascer-de-novo com aquilo que – agora – se aprendeu e se sabe. Esse nascer-de-novo acontece tantas vezes, de tantas maneiras, que acabamos por nos tornar insensíveis ao seu milagre. Mais ou menos como beber sete copos de água ao longo de um dia sem pensar como esse gesto simples e gratuito não apenas me mantém vivo, mas re-integra em mim a própria Vida. Eu “bebo água” porque tenho sede. Bebo água porque preciso dela para viver. Bebo água porque, tendo sede, isso “é muito bom”. Mas a água que eu bebo não “mata” só a minha sede. Como se essa coisa tão boa, que é “ter sede pra beber água”, devesse “morrer”. A água bebida torna-se todo o meu corpo. Ela repõe em mim uma nova porção da própria Vida. Seria um exagero dizer que um copo de água bebido é um gesto de comunhão com toda a Vida? Assim

é o aprender, uma sede sem fim em busca de uma água que nunca acaba.

E esse *aprender-por-si-mesmo* corresponde a um ensinar-ao-outro que é, na verdade, um ensinar-com-o-outro, pois, se na troca que o *trabalho de saber* inaugura a cada momento existe um processo intersubjetivo em que cada pessoa envolvida é o sujeito, o agente, o autor e o ator pleno de sua própria integração de conhecimentos, o *trabalho de ensinar* acaba sendo pelo menos duas coisas:

Primeira: o criar condições interativas para que um fluxo de saber circule, esteja livre e seja disponível. Isto é: oferecer não tanto um conteúdo de conhecimento objetivo e exterior, mas a viabilidade dialógica destinada a que cada pessoa envolvida em um momento de uma rede de descoberta pessoal e solidária de descoberta de um saber participe dela da maneira mais livre e motivada possível.

Segunda: oferecer ao outro - aí sim - o meu próprio saber, como algo disponível para o diálogo. Não para que a outra pessoa - minha aluna, meu aluno - saibam como eu o que eu sei. Mas para que, tendo disponíveis para eles o conteúdo de um saber meu, eles lidem com “isto” de modo a despertar, com o estímulo de minha fração de saber, algo que já está neles. Algo que será, então, integrado a uma consciência de saber. Melhor ainda, a uma consciência de “isto eu sei”. Conforme Carneiro Leão:

Pois aprender não é acumular, como crescer não é aumentar de tamanho. Só aprende quem sabe, no que compreende, o sabor do que já possui, a riqueza misteriosa de sua identidade. Acontece realmente um aprender, quando a compreensão do que se tem, for e vier a ser sempre um dar-se a si mesmo sua própria identidade (CARNEIRO LEÃO, 1991).

Agora talvez faça sentido um trecho de escrito do T. S. Elliot, que diz mais ou menos assim: “o que é que o conhecimento perde com a informação? E o que é que a consciência perde com o conhecimento?” Será assim mesmo?

O que é que o “saber” perde de si, quando se resume a uma “informação”? O que é que “conhecer” perde de si quando se resume a ser uma acumulação de “conhecimentos”? Mas o que é que a “consciência” (a dimensão de mim mesmo que sabe de mim e sabe “conscientemente” de meu mundo, através do que eu aprendo) perde quando o que eu conheço não muda para algo mais complexo e mais diferenciado (imprevisível, portanto) a minha própria identidade?

Então seria preciso voltar a cada item das páginas anteriores, quando a todo o momento foi dito e repetido que *aprender* não se limita a adquirir quantidades de conhecimentos e acumular porções do “adquirido”, mas significa, na outra margem do rio, transformar toda a consciência de mim mesmo através da integração de cada um novo saber carregado de sentido. Quando se faz um longo “ah!”, quando se aprende algo novo e relevante, cheio de uma desejada novidade, é porque se acabou de lograr algo mais do que “um novo conhecimento”. É porque a consciência que aprende – e de-quem-aprende – descobre com susto e alegria que já não é mais a mesma, depois “daquilo”.

Aprender-e-ensinar constituem uma relação tão indissociável, que deveriam ser escritos assim, com hífen, como uma palavra só formada de três, em que talvez a mais importante seja o “e” que une as duas e a ambas dá o seu sentido.

Uma metáfora interessante da relação *aprender-ensinar* bem pode ser a do arco-e-flecha. Sem o arco a flecha é inútil. Não pode ser atirada e não tem como voar ao seu destino. Fica imobilizada, embora sempre pronta a viajar, a ser atirada, a atirar-se após o movimento inicial. Sem a flecha, qual a utilidade do arco? Ele se distende em mãos hábeis, mas retorna depois ao repouso sem haver feito nada. Sem haver atirado a flecha ao seu alvo, razão de ser de seu trabalho. Motivo de sua existência de arco.

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”. Se a frase de João Guimarães Rosa, tão repetida entre nós, não é bem assim, deve ser quase. E ela não desperta

tanta coisa em nós somente porque é bonita, quase uma poesia escrita em prosa. Ela faz isto porque é uma verdade carregada de desafios. Educador é um sempre-aluno. Ele aprende que só começa a saber ensinar realmente quando descobre continuamente o seu próprio não-saber. Melhor ainda, quando passa do ensinar o que já sabe (e que ilusória e temporalmente o livra de “precisar aprender”) e começa, então, passo a passo, a ensinar o que não sabe. Então ele - um aprendiz sem tréguas - estuda, pesquisa, cria a todo o instante um saber gerado da consciência contínua do não-saber... ainda. E, principalmente, ele vive cada momento “de aula” como uma oficina de reciprocidades, como um diálogo com os outros – seus alunos, seus educandos – não como um ato de tolerância, uma espécie de “metodologia da conversa coletiva em aula” – mas como um gesto de reciprocidade, de reconhecimento.

Só um diálogo de busca constante do saber através das inter e trans-reciprocidades de nossas perguntas e respostas, gera um genuíno conhecimento. Um conhecimento que aspira habitar em cada um de nós e entre todos nós, pois, na experiência generosa do diálogo na educação, há um saber que se constrói solitariamente em cada um dos participantes, sob a condição de que, ao mesmo tempo, haja um saber solidário, construído como uma espécie de verdadeira “cultura da turma”. Só é um educador aquele que se recusa a sair do diálogo.

É de Martin Heidegger a seguinte frase: *compreendemos quando fazemos parte do que nos é dito*. Solta no ar das idéias, tal como nos apareceu um dia dita por alguém, esta frase pode parecer imperfeita e não seria fácil interpretá-la de maneira adequada. E é mais ou menos isto. Compreender não significa propriamente incorporar novos modos de conhecer ao meu estoque de saberes e de valores. Este é o lado mais material e mais solitário do conhecer e do compreender. Compreendemos algo quando nos habilitamos interior e interativamente a participar do círculo dos diálogos das pessoas que

ascenderam a um conhecimento e que, por isso mesmo, participam da teia dos que podem tornar partilhada e recíproca a experiência pessoal e solidária de dar um sentido ao que foi aprendido e, então, compreendido. Uma passagem especialmente clarividente de Bernard Charlot completa este pensamento. Vejamos como:

A relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma oportunidade, uma obrigação etc., de qualquer modo ligados ao aprender e ao saber – daí ela é, também, uma relação com a linguagem, uma relação com o tempo, uma relação com a atividade no mundo e sobre o mundo, uma relação com os outros e uma relação consigo mesmo, como mais ou menos capaz de aprender tal coisa em tal situação (CHARLOT, 1997).

O educador é quem sabe isto. O educador é quem vive isto ao ensinar-e-aprender. O educador é a pessoa para quem o diálogo amoroso - porque passado como uma troca carregada de afetos e porque sempre propenso a transformar um dado do conhecimento (o saber), em um dado da emoção (o amor) com as outras pessoas em busca do aprender através da consciência aberta ao conhecer - é a razão da própria vida.

Esta é a razão porque há uma enorme diferença, não apenas quantitativa, entre *ensinar* e *instruir*. Pois eu *instruo*, mas não *ensino* um cachorro a agir desta ou daquela maneira quando uma pessoa estranha se aproxima de minha casa. Há entre nós uma desigual troca de sinais, de estímulos e contra-estímulos, de ordens e de barganhas entre modos também desiguais de consciências de ser e de estar no mundo. Cada vez que o macaquinho acerta no laboratório, ele ganha um amendoim. Cada vez que ele erra, ele ganha um choque elétrico (e desumano). Ele é instruído a acertar, mas nunca compreende

porque aprendeu a acertar ou para que está acertando (a não ser para ganhar um amendoim). E dentro de que contexto de sentido e de significados entre dois seres, “aquilo tudo” está acontecendo. Afinal, eu escrevo um artigo científico, o macaquinho se empanturra de amendoins ou de pedacinhos de queijo e aumenta o seu terror a choques elétricos. Houve uma relação entre dois seres que se comunicam de algum modo. Não houve uma troca, não houve uma comunicação entre dois seres que interagem, isto é, agem no sentido do gesto de um para o outro, um com o outro e, não, um diante do outro, um sobre o outro⁵.

Aqui só há lugar para um instrutor (mesmo que ele seja um doutor) e um instruído. O instrutor-doutor sabe algo mais sobre macacos e o macaquinho sabe algo mais sobre o doutor-instrutor. Sabe algo mais sobre a “lógica” da experiência, e sobre pedaços de queijo que são bons e choques elétricos que são ruins. Mas o pesquisador que aprendeu algo *sobre isto* não ensinou nada a alguém.

E esta é bem a experiência entre eu-isto (a pessoa e o macaco, mas poderia ser uma outra pessoa reduzida a “coisa” a um “isto”) e não uma troca solidária entre um eu-tu, através de uma relação na qual se aprende e se ensina em ambos os lados. Porque de um lado e do outro existem dois sujeitos livres, senhores de sua própria consciência e atores-autores de seu próprio aprender, isto é, de sua própria construção do conhecimento através da partilha em uma situação em que o saber é posto a estar disponível, aberto a todos.

Mesmo que em algum momento os conteúdos do que se troca na busca de um saber estejam desigualmente disponíveis, quando eu reconheço que sei mais sobre Literatura Latina do que você, existe uma aprendizagem porque se saltou do sinal ao símbolo, do estímulo mecânico à motivação subjetiva e autônoma

5. Existe mesmo a piadinha corriqueira de estudantes de Psicologia. Na jaula do laboratório um ratinho diz ao outro: “Consegui condicionar o doutor Skinner. Toda vez que eu abaixo a alavanca da direita ele me dá um pedaço de queijo”.

(por isto quando se quer não-se-aprende... e às vezes este é o melhor aprendizado), da experiência com/sobre o outro a uma relação com/através do outro. Isto é ensinar.

O ato de ensinar é o gesto de deixar aprender, de facultar a que se aprenda. É criar as condições para que, passo-a-passo e através de múltiplas situações, nas quais um professor é apenas um elo em uma complexa cadeia, a pessoa-que-aprende integre no que ela já é – naquilo que já é consciente para ela e já é a sua consciência – os limites do que ela ainda não é.

E *aprender-e-ensinar* é a exata aproximação, a identidade e a diferenciação entre as minhas próprias diferenças e a realidade vivida por mim. Uma dupla realidade. A realidade interior que me constitui e que se renova, ao se aventurar a transformar-se de agora para sempre, e a realidade interior que eu não-sou, e que se integra em mim quando eu aprendo não tanto um saber, mas a saber, através de aprender *um* novo saber.

E eis-nos de volta à idéia de que em nada a aprendizagem se parece com um armazenamento, um empilhamento. Uma espécie amaldiçoada de acumulação capitalista de bens-e-valores de espécies materiais do saber. Isto é, no máximo, um trabalho de instrução ou de justaposição de habilidades aprendidas para a realização de tarefas concretas. E, mesmo aí, resta perguntar se o que se passa é “só isto”. Aprender significa abri-se ao fluxo impermanente e inesgotável do saber. Aprender é um encontro. É um sempre ir-ao-encontro-de. A ele eu devo levar alguma coisa minha para receber, nele, alguma coisa dada por um outro.

Cabe lembrar aqui a idéia antiga de Paulo Freire de que “ninguém educa ninguém. Ninguém educa a ninguém. Cada um de nós se educa a si mesmo, a si mesma. Mas ninguém se educa sozinho, do mesmo modo como uma pessoa se instrui sozinha, ‘por conta própria’, se quiser”. Pois se o construir o meu saber é um ato de descoberta absolutamente pessoal, a possibilidade de realização deste gesto humano da in-

teligência e de toda a consciência de identidade existe somente *no* e *como um* diálogo.

Todo o acontecimento de aprendizagem e, portanto, todo o acontecimento da educação existe através daquilo que nos velhos tempos da aurora da *educação popular*, nos acostumamos a chamar de “comunicação das consciências”.

Aprender é estar dentro de um tempo interativo de diálogo com o outro. Aprender é abrir-se a um outro para criar com ele a experiência objetivamente solidária (sempre interativa) subjetivamente pessoal (sempre um gesto único, interior) de descobrir junto e integrar sozinho o milagre do saber. E educar é saber construir o momento do diálogo dentro do qual educador e educando criam, um-com-o-outro, um-atraves-do-outro, um saber de construção comum e, ao mesmo tempo, uma descoberta profundamente solitária, imensamente pessoal. Eis o fio do seu mistério.

Eis porque nada mais enganosa do que a crença em que os relacionamentos interativos fecundos são importantes apenas durante a infância e, no limite, até a adolescência. Estamos sempre diante de um outro e nos construímos como uma pessoa mais e mais complexa, e mais completa, na medida em que estamos permanentemente incorporando novos saberes ou outros sentidos aos velhos saberes (mas, o saber envelhece?) e re-equilibrando a nossa vida interior sobre o chão de um trabalho de aprender. Um ofício de trocas em que eu descubro e me descubro no espelho do outro, no trabalho com o outro.

Mesmo quando se envelhece e a memória falha e parece que a “capacidade de aprender” definha, ainda aí o aprender é a grande vocação do ser humano. Será que não fomos nós quem criamos e continuamos a criar o “mito das idades”? A idéia, sem bons fundamentos, de que há uma idade para aprender, uma para trabalhar (para aplicar na prática o que se aprendeu antes) e uma outra para parar de aprender e parar de trabalhar (e esperar pela morte?).

Basta olhar o exemplo de vidas como a de

Picasso, de Leví-Strauss (com 100 anos) e de Antônio Candido. Mesmo que tenha havido na vida desses e de tantos outros homens uma espécie de “idade de ouro”, quando de suas descobertas geniais, eles estiveram sempre, e estão todo o tempo abertos ao novo, envolvidos em diálogos, revendo suas idéias... e criando de novo tudo outra vez.

Se tudo é aprender e o aprender tem as suas idades, então o que pode haver é um “modo de viver a aprendizagem” em cada fase da vida. E, note-se bem, o presumível desaprender da última é, na verdade, um *des-aprender*, um *re-aprender*. Um deixar-se ficar com o já aprendido na condição de remanejar, de reconstruir. De deixar que se apague tudo o que não serve a um mergulho na máxima profundidade de si-mesmo... de mim-mesmo. De meus conhecimentos e de minhas idéias, de minhas imagens, de meus devaneios e, enfim, de meus aprendizados ao longo de toda a vida, para que o que reste deste “remanejamento da vida inteira seja a decantação pessoal de todo o aprendido e de todo o vivido ao longo de uma existência cuja vocação é abrir-se ao inesperado”. E é escancarar-se ao construir saberes, decantar idéias, aprender sempre.

Na oposição difícil de evitar em nosso tempo, entre uma educação utilitária, funcionalmente pragmática e dirigida a finalidades “úteis”, isto é, aquela que rende bens materiais, e uma educação voltada ao primado da comunicação, é preciso perguntar se uma “educação por toda a vida”, tal como na proposta pela UNESCO, não deverá centrar o seu próprio eixo de sentido no diálogo, para servir a uma abertura sem fim em cada pessoa-estudante para uma comunicação crescente consigo mesmo (o infinito da autoconsciência), com o seu outro e com o seu mundo.

E, então, seria agora o caso de pensarmos o que temos sugerido até aqui às avessas. Se a descoberta do saber e do sentido se realiza sempre através de situações, de contextos e de gestos interativos de diálogo entre um eu

e os seus outros, o que é que o diálogo eu-outro funda? O que é que ele propicia ser criado? Ele estabelece, vimos, a própria viabilidade do aprender, como uma contínua co-construção de *saberes partilhados* (existentes objetivamente como um momento de uma cultura comum) e de *saberes interiorizados* (existentes na experiência e na inteligência múltipla de cada participante do “círculo do aprender”).

Mas também é o aprender quem re-instaura a cada momento o próprio diálogo. Toda a interação com o outro, toda a situação de comunicação comigo mesmo (meu “eu” e o meu “me”), logo, todo o “momento do diálogo” existe porque há o novo. Existe porque, entre frase e frase, entre frase e silêncio, entre silêncio e silêncio, entre a palavra e a idéia, entre a idéia e a fantasia, entre o conceito e o devaneio inter-trocados em meio a nós, o que torna uma conversa, uma aula, uma qualquer interlocução algo desejado, importante e útil, é a abertura à descoberta. Nada pior do que uma conversa em cima do já sabido entre todos. (Nada pior do que uma aula que “não acrescenta nada”, e nada mais aborrecido do que uma confiança em cima do que “eu já sabia”). Nada pior do que ouvir sem aprender e nada mais infecundo do que dizer sem ensinar. Claro, “ensinar” aqui, como a palavra que se abre ao novo. Como a frase desafiadora da descoberta... em você que me fala e em mim que escuto.

Até mesmo o falar mais cotidiano, o aparentemente mais banal, o dos encontros e conversas de todo dia, parece estar sempre dividido em dois momentos. Um primeiro momento é o da reiteração ritual do já sabido. Algo como dizer “bom dia, como vai?” ou sugerir que “o dia está muito quente, deve chover mais tarde”. É a fala canônica, como as das partes invariantes da missa católica. De vez em quando uma conversa pára “nisso aí”, pois o que se quer dizer não é o que é dito, mas o que ritualmente significa estar dizendo aquilo, daquela maneira, naquele momento. Outras vezes, numa relação muito constrangedora (como em começos de namoro) fica difícil sair deste “papo furado”, porque tudo

o que um tem a dizer para um outro, não “sai da garganta”.

Mas toda a conversa que perdura, quando se tem algo a dizer ao outro, deseja mesmo é saltar do momento canônico para a troca de acontecimentos. Para a reciprocidade da descoberta. Quantas vezes esta passagem começa assim: “você sabe da última?” Que é uma maneira ritual de se dizer: “bom, a conversa ritual está acabada, vamos passar para a criação do novo”. Isto é, vamos iniciar entre nós um diálogo em volta da aquisição de saber, da aprendizagem do desconhecido... mesmo que ele seja só sobre os fatos banais do dia. (Há algo “banal” num dia de vida de alguém?)

Em um diálogo motivado como vocação da *descoberta do conhecimento*, isto é, do diálogo que se vive em qualquer momento de uma verdadeira educação, o que se experimenta é o intercâmbio de sentimentos, de idéias e de saberes à volta do *novo*. É um dizer e ouvir em busca do desconhecido que se torna, entre os dois ou mais que dialogam, entre todos os que participam de um momento de mútua aprendizagem, uma reciprocidade na conquista do conhecimento. Mesmo nas situações mais inesperadas.

E a educação é isto. Ou, melhor ainda, é o criar situações interativas para que isto aconteça.

O lugar da cultura

Tudo o que foi dito até aqui sugere a imaginação de um *campo cultural*. Sim, na verdade todo o complexo de tecidos e teias, de redes e de sistemas de símbolos, de significados e de saberes em/com que estamos envolvidos e “enredados” desde o momento do nosso nascimento, constitui o mundo da *cultura*. A cultura é “isso” e fora dela não existe a possibilidade de uma existência humana. Somos seres da natureza vivida como alguma experiência de cultura.

Mas o que é, em síntese, “aquilo” que tor-

nou possível saltarmos do mundo da *natureza-de-que-somos* – e da qual afortunadamente nunca saímos inteiramente – *para os mundos da cultura-que-criamos?*

A resposta deve ser procurada dentro da mente humana. Deve ser buscada na passagem da consciência reflexa (saber algo), para a consciência reflexiva (saber algo sabendo que se sabe, saber algo sabendo que se sabe e sentindo algo que se sabe por saber que se sabe algo, e que se sabe que se sabe... infinitamente). A resposta deve ser procurada, no diálogo entre nós. Ali, no momento e no lugar onde saltamos do *signal*, (como na fumaça do fogo) para o *signo*, como na dança das abelhas. E, finalmente, onde saltamos para além do que nos identifica como seres-da-vida entre os animais, ao passarmos do *signo* ao *símbolo*, como nas máscaras que colocamos no rosto para dançarmos, ou como a palavra “dança”, seguida da palavra “abelha”, ou como “a dança das abelhas”, ou ainda, como &, como # ou como @, com o que nos dizemos algo a quem e além das palavras.

O símbolo transforma arrulhos e gemidos, sinais de desejo e de amor, em *atos-come-gestos*, como as palavras trocadas entre dois amantes, enquanto se amam. Mas também como toda a gramática de possibilidade e de interdições que até os amantes devem realizar por viverem o seu amor tanto entre os seus corpos naturais (como as abelhas, como os sabiás, como os micoleões-dourados), quanto em cenários humanos: *culturas*. Por isto, enquanto entre os macacos existem machos e fêmeas, entre nós criamos noivas e maridos, namoradas e amantes, filhos e sogras, “cumpadres” e padrinhos.

As “crianças-fera” (o nome do termo é horrível, mas foi o que acabou sendo aceito) encontradas na Índia após haverem sido criadas por casais de lobos, não possuíam qualquer tipo de reação reconhecidamente humana em sua conduta. Não é que não soubessem ler ou escrever. Não sabiam nem mesmo rir e nem chorar. Não sabiam andar e sentar como um ser humano. Não sabiam dar ao rosto qualquer ar de uma

criança ou de um adolescente minimamente socializado dentro do meio humano de mulheres e de homens. Não haviam aprendido a serem pessoas humanas, embora fossem, como qualquer um de nós, seres humanos. Nasceram, por ventura com toda a biopsicologia, aptas a se tornarem como qualquer criança de uma aldeia indiana. Mas não aprenderam a se construírem como humanos. Sobreviveram como organismos, mas não tiveram como realizar neles uma pessoa. Viviam imersas no mundo dos sinais e dos signos naturais trocados entre seus pais e parentes lobos, adotivos. Ficaram aquém do símbolo. Sorrir é um “ato natural”, mas só quando aprendido a ser vivido como um “gesto cultural”.

É com símbolos que pensamos, mais do que com puros significados racionais, despídos das imagens que os denunciam antes que sejam falados. É só porque uma árvore evoca uma árvore, que evoca uma cena sob a árvore, que evoca um poema, que evoca um rosto, que nós podemos pensar. Pensar para criar uma idéia e pensar para criar uma imagem. Pensar para criar uma teoria botânica da árvore ou pensar para criar uma canção de ninar que fale de uma criança debaixo de uma árvore. Pensar com a linguagem que transforma os símbolos no modo humano de interagir. “A palavra é a minha quarta dimensão”, escreveu um dia Clarice Lispector.

E é através de sentimentos provocados pelo poder da evocação, da imaginação, que todos e cada um de nós participamos da própria criação. Nada existe na cultura “de propriamente humano” e que tenha sido feito por nós, que não contenha em si uma centelha da criação.

Por haveremos surgido no mundo como uma espécie de seres muito despreparados para viver, aprendemos a saber de uma maneira extraordinariamente complexa e passível de variedades. E como o saber em nós não é inato, não vem pronto do código genético e é somente complementarmente “acabado” até chegar ao seu limite de realização, sendo, ao contrário, uma construção sem limites, *aprendemos-a-saber*, mais do que apenas *aprendemos-para-saber*. As-

sim, fomos forçados a aprender a criar e a prever o novo e torná-lo em algum plano do real, algo partilhável. O saber é o nosso “instinto” e o criar é um saber que começa de novo a cada instante.

Dizem os antropólogos que uma cultura “funciona bem” quando aquilo que é importante nela acaba sendo “esquecido” da preocupação das pessoas que, não obstante seguem os seus preceitos e acreditam em seus princípios. Esquecido entre pessoas que vivem as suas regras sociais e acreditam nos seus mitos como o bom motorista que dirige com rara habilidade quando o faz sem precisar pensar sobre o que está fazendo. Como falar tão bem uma língua que já não é mais preciso consultar manuais de gramática.

Grande parte dos múltiplos *conhecimentos* dos vários campos da vida e do pensar a vida, dos *valores de orientação* da conduta social, das *crenças de interpretação* do sentido da vida, do mundo e do destino, das *gramáticas culturais* (como ser, como conviver, como falar, como escrever, como comer, como *fazer-o-amor*, como...) são vividos como fios ou como redes dos significados de uma cultura. São vividos como “a nossa cultura”, sem serem questionados a todo o momento sobre os seus “como”, e, melhor ainda: sobre os seus “porquês”. E às vezes exageramos nisto e em boa medida a educação existe para nos acordar deste sono sem sonhos.

Não devemos esquecer que, seres humanos, somos filhos, senhores e servos da palavra. Criamos um mundo regido pela palavra, pelo que nos falamos uns aos outros e pelo que lemos e escrevemos. Somos os seres da natureza que nascem e se criam do que falam. Criamos quem somos – cada pessoa, cada pequeno grupo, cada povo, cada sociedade, cada nação, cada cultura – ao nos dizermos uns aos outros quem somos e quem são “eles”: nós, os outros. É porque existe a palavra, é porque existe a linguagem e é porque sempre pode existir algo como a poesia, que nós, metáforas de nós mesmos, existimos.

Hölderlin, um poeta, diz isto: *o que existe os poetas fundam*. Heidegger, filósofo, vai além: *a palavra é a morada do ser*. Que estas idéias

valham tanto para uma metafísica do absoluto quanto para a nossa antropologia pedagógica em busca do sentido da vida humana através do conhecimento e da aprendizagem.

O que seria de nós se nos sentíssemos obrigados a conhecer profundamente a etiologia de uma doença e toda a farmacologia de um medicamento, a cada momento em que compramos, com a receita médica na farmácia, o remédio que iremos tomar três vezes ao dia durante dois meses? Como seria intolerável viver a experiência pessoal e partilhada de uma religião se fôssemos todos teólogos!

Vivemos dentro de pluri-campos semânticos criados por pessoas como nós, antes de nós. Campos de símbolos, de palavras, de frases, de estórias e de uma história, recriados nisto e naquilo por nós mesmos. Campos da vida cultural transformados pelas pessoas que nos irão suceder. E de uma maneira inevitável nós nos enredamos literalmente em um belo, sinuoso e multi-complexo tecido cultural. Uma tessitura de gestos e de textos que, através da socialização primária e da socialização secundária (sem fim), nos transformou, nos transforma e seguirá nos transformando no mesmo e no sempre mutável, porque sempre aperfeiçoável, autor cultural e ator social de nossas próprias vidas.

Em algo que afinal somos “nós”, “eu”, mas cuja inteira história, cujo futuro, cuja lógica, cuja estrutura e cuja dinâmica nos transcendem. Nunca abarcamos tudo o que está contido neste campo cultural, a começar pelo *ser-de-cultura* pessoal que somos cada um de nós. Nunca compreenderemos as razões de tudo o que ele contém e, no entanto, somos quem somos porque vivemos dentro dele. E porque o criamos para sermos o que somos. Terra metafórica onde nascemos, casa de partilhas onde vivemos, nave que nos leva para um rumo que humildemente podemos antever, sem nunca termos certeza de quando vamos chegar e de onde iremos aportar... se é que isto irá acontecer algum dia.

Mesmo aquilo que consideramos como nossas idéias e nossos pensamentos, nossas

crenças e nossas convicções “próprias”, constitui, na realidade, algumas leituras de algumas variações de sintaxes e de semânticas sociais já pré-configuradas e pré-definidas. Nascemos dentro de uma longa peça e no meio de um ato que os que nos antecederam encenaram antes de nós. Mas, uma vez dentro “dele”, tudo o que se faz “ali” deve ter um pouco de nós também. É como escrever algo “meu” em um disquete formatado, onde há um texto inapagável, com o qual, no máximo, eu posso entrar em diálogo. Mas isso é tudo, porque existe o diálogo. Mesmo para as pessoas mais criativas, os mundos culturais onde vivemos e do qual somos parte e partilha, parecem mais com “karaokês” do que com fitas virgens em um gravador de boa qualidade. Mas, ainda assim, cada um de nós é como se faz, e “canta como pode”, ou melhor, “como aprendeu a cantar”. Melhor ainda, como aprende e re-aprende, a cada momento, a cantar.

O nosso corpo aprende íntima, orgânica e espiritualmente associado à nossa mente. E ela será outra coisa que não uma dimensão dele? E ele, dela? O corpo aprende a adaptar-se ao seu meio ambiente natural. Aprende a saber, pouco a pouco, sobre como deitar e sentar, como andar e parar, como manter-se em equilíbrio, como reagir ao frio, ao calor, ao perigo e à fome. Ora, assim também outras esferas de nosso psiquismo aprendem a lidar com a cultura de que são/somos parte. Aprendem com sabedoria a adaptar-se, aprendendo a conviver e, mais do que tudo, aprendem criativamente a equilibrar-se *no/com* os seus ambientes culturais. Que não são nunca, não esquecer, uma “coisa” pronta, acabada e consagrada. Que são, antes, os tecidos nunca acabados de eixos e feixes, de teias e tramas dinâmicas e bastante imprevisíveis dos símbolos e dos significados com que entretecemos a cada instante, ao mesmo tempo, os mundos de que somos pessoas e as pessoas que somos nesses mundos.

A cada momento descobrimos algo mais a respeito de como cada um destes meio-ambientes se enlaça *com* e se entrelaça *dentro de*

um todo regedor da vida e da vida humana. Um campo de relações que apenas quando tomado no seu todo – inclusive e principalmente enquanto um tecido contínuo e dinâmico de aprendizagens – constitui neste todo integrador de todos os sistemas ambientais e em cada um destes meio-ambientes, aquilo que poderíamos dar, afinal, o nome de um “ambiente inteiro”.

A educadores importa transformar este aparente “sinal menos” na relação pessoa-cultura, ou mente individual – campo de significados, em um “sinal mais”. Porque o que passa é que na dinâmica inevitável das interações entre as pessoas, entre as pessoas e os seus símbolos, entre símbolos e símbolos (ou entre significados e significados), o que está acontecendo todo o tempo é uma fascinante relação dialógica entre a *criação interpessoal da cultura* e a *criação cultural da pessoa*.

Pois tudo o que criamos em tudo o que inventamos é obra de uma partilha de idéias e de imaginações realizadas como ações pessoais e interpessoais. Nós criamos, a todo o instante, o mundo em que vivemos. Mas é dentro deste mundo e é dentro das suas culturas que cada um de nós vive e experimenta a possibilidade de interagir *com sentido*. Isto é, de agir interativamente com outros, entre outros, atribuindo sentido a nós mesmo e aos outros, e recebendo de outros a atribuição de sentido sobre nós mesmos e sobre eles próprios. O mundo em que vivemos nos cria e recria continuamente.

Somos nós, seres inteligentes, receptivos ao novo, eternamente abertos a inovar, a tentar outra vez e até mesmo a “zerar” o feito e fazer o novo e a aprender sem parar, aqueles entes da vida que criam o mundo dos tecidos sociais e simbólicos que nos criam, nunca de uma vez para sempre, mas sempre um pouco mais, e mais adiante.

Aprender é, também, saber como lidar de maneira inteligente e progressivamente autônoma (o oposto de autômata) com esses vários fios entrelaçados e com esses vários padrões de cores, de tons e de efeitos de toques metafóricos do tecido cultural de quem somos. Mas apren-

der é também saber como participar dos eventos através dos quais este tecido se re-tece, essas cores se re-tingem e esses tons se recriam.

Pois o que nos torna humanos é o fato de que entre nós é impossível aprender e reequilibrar interiormente a vida e a inteligência através de cada saber adquirido, sem participarmos de algum modo ativo do fluxo de *sentidos* e de *ações* que reequilibram nossos contextos de vida e de pensamento.

Se, de um lado, a *cultura* “apaga” ou torna opaca à consciência uma boa gama do que aprendemos e seguimos, ao vivê-la, de outro lado podemos imaginar que na *história social da cultura* nada se apaga de tudo o que foi pensado. De tudo o que, pensado, viveu o seu momento de diálogo entre duas vidas, entre pessoas de uma comunidade de consciência, como uma sala-de-aula.

O que alguém pensou um dia e colocou em diálogo pode até mesmo ser esquecido, mas nunca mais se apaga. De todo o bom pensamento – aquele que cria algo ao ser criado como um gesto de aprender – sempre algo subsiste, mesmo quando nada dele tenha sido escrito ou registrado de alguma outra maneira. Porque todo o bom pensamento salta do seu breve momento para uma duração universal. Não seria uma metáfora fantástica imaginar que um pensamento carregado de sentido salta de seu aqui-e-agora, de seu lugar de origem, de seu momento de gesto-nascido, para a imensidão dos espaços culturais de partilha de sentido onde haverão de estar os pensamentos que o acolhem.

No entanto, de algum modo, o que eu penso a cada instante, o que eu acabo de pensar, o que estive pensando hoje, quase nada possui de criação absolutamente original. Não é algo da minha exclusiva autoria e, portanto, sequer pode ser minha posse. Eu bem sei que penso os meus pensamentos, mas com que cuidados devo dizer: “este pensamento é meu”. Pois cada um dos pensamentos “meus”, é uma parte do fluxo cultural das teias e das tessituras de sentidos e de senti-

mentos de eu que faço parte. Em algum lugar, Lacan disse um dia: “sou onde não me penso”.

Não queremos exagerar no dizer que isto que estamos pensando para escrever, aqui, neste agora irrepitível, é um breve instante em que idéias e pensamentos “ideadas” e “pensados” por outras pessoas passam por nós. E chegam a nós, atingem um lugar de/em nossa consciência e, querendo-o ou não, nos convocam a entrar em um diálogo sem começo e sem final conhecidos, identificáveis, quando, por um momento entre tantos, nos é dada a palavra.

Dentro de mundos de cultura, *o que se cria e o que cria algo à sua volta* fazem parte e, dinamicamente, constituem uma *comunidade de imaginários* de que cada um de nós, em que cada um de nós é mais um companheiro de destino do que um hospedeiro. Mais um convidado do que um proprietário e mais uma reticência do que um ponto final.

Certa vez um Mestre Zen parou diante de seus discípulos, prestes a proferir um sermão. No instante em que ele ia abrir a boca, um pássaro cantou. E ele disse: “o sermão já foi proferido”⁶.

Referências

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação. Petrópolis:** Vozes, 1998.
- BATESON, Gregory. **Pasos hacia una ecología de la mente.** Buenos Aires: Lohlé, 1976.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora.** [s. l.]:Delta, 1964. Coleção Prêmios Nobel de Literatura.
- CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. **Aprendendo a pensar.** Petrópolis: Vozes, 1991.
- CHARLOT, Bernard. **Du Rapport au Savoir.** Paris: Economica, 1997.
- MARCO AURÉLIO. **Meditações.** São Paulo: Martin Claret, 2001.
- TOLSTOI, Leon. **Calendário de Sabedoria.** [s.l.], [s. n.], 1998.
- WATTS, Allan S. **A arte da felicidade.** São Paulo: Pensamento, 1995.

6. Atelier do Bonsai, ano 1, n. 1, 1999, p. 50.